

A volta (e o voto) dos que não foram

• Numa provável noite de insônia meses atrás, Lula deve ter feito um pacto com forças poderosas, divinas ou internas: em troca da tão adiada vitória, ele se prestaria a vários papéis e a situações insólitas, em consonância com transformação existencial já em curso. O sinal foi pago com novos ternos, dentista, a criação da persona “Lulinha paz e amor” e uma série de mudanças que, da água para o vinho, da cachaça para o Romanée, deram à luz o Neolula.

Na propaganda gratuita de ontem, Lula, de olho no trono, pagou mais uma parcela desta dívida ao encarnar a figura de um anti-Gugu, no grande espetáculo midiático que inaugurou a Gratulândia II. Numa mistura de marketing de rede Amway, “Sai de baixo”, noite do Oscar e final de “Big Brother”, a grande nação petista e agregados, reunida em imperial auditório, assistiu, com aplausos homologatórios, à estranha volta dos que não foram. Ciro — que a julgar pelo debate da Rede Globo rumava resolutamente para uma incondicional oposição, e que há dez dias dizia, na TV, ser

Lula o aventureiro do “sabe-lá-como-vai-ficar” — voltou, restaurado. E quando Lula mandou, o auditório, formado por petistas ilustres, artistas etc, respondeu, qual numa claque: “Ciro”!!

Garotinho (segundo Gugula, “meu companheiro e amigo”), aquele que semana passada prometera impor severíssimas condições em troca de um suspiro de apoio, também voltou, para dizer que a palavra agora é mudança (pe-raí, esse não era o slogan do Serra?).

Repetindo o gesto de “agora vem” — que Lula, Alencar e Ciro (juntos, em bonitinha coreografia) e Garotinho (no telão) já haviam feito — Roseana chamou na moral o eleitorado, diretamente de seu leito hospitalar. Um convite não muito animador, admitamos.

Se no show de Lula (que foi reprisado à noite) tudo era criatividade, Serra, na parte da tarde, rumou pelo pântano da monotonia, batendo na tecla da incitação aos debates e gastando seus dez minutos numa entrevista. A não-dicção do entrevistador e as respostas *dejà-vu* de Serra foram tão assustadoramente cha-

tas que ficou difícil guardar na memória uma parte sequer do que foi dito. Teve algo sobre o Lula não querer debater, uma conversa sobre emprego e segurança, e uma “grande alegria” de estar disputando o segundo turno. À noite, a cada vez mais jovem Regina Duarte informou, num discurso atualíssimo, que está morrendo de medo de Lula, o homem de duas caras. Só faltava chamá-lo de sapo barbudo, se bem que ontem ele estava mais para “Caco, o sapo” (quem lembra?), o inesquecível apresentador do Muppet Show. De acordo com o gentil discurso de Regina, votar em Lula é “jogar no lixo” tudo que há de bom. Poxa, namoradinho! Que agressividade.

De resto, Serra repisou suas propostas e instilou o veneno requeimado da insegurança no eleitor de Lula, com base nas teses da falta de experiência, clareza e verdade. Enfim, tranqüilizou a todos: “Tenho uma cara séria, mas é só uma”. Que isso, Serra! Cadê aquele sorriso que o Nizan te ensinou?